

ARQUEÓLOGOS E POPULAÇÕES RIBEIRINHAS

Uma etnografia do trabalho de campo*

Aldeídes G. OLIVEIRA Auxiliar Administrativo II do Museu Paraense Goeldi	Emílio Alocados na Divisão de Arqueologia do MPEG .
Christiane L. MACHADO Cíntia J. MAGALHÃES M ^{te} Angela G. ÁLVARO Mauro V. BARRETO	Rui S. MURRIETA Bolsista do CNPq , jun- to à Divisão de Arqueo- logia do MPEG .

RESUMO: Preocupado com a reconstituição das estruturas sociais de grupos humanos do passado, o arqueólogo muitas vezes não se apercebe da necessidade de planejar a sua atenção nas relações sociais do presente. Com esse trabalho procura-se focar a problemática que envolve o arqueólogo em campo, partindo-se de um trabalho de salvamento na Amazônia e abordando o seu relacionamento dentro da equipe com a empresa financiadora, os trabalhadores de apoio e a população local.

São ressaltadas as dificuldades surgidas tendo em vista, principalmente, o distanciamento existente entre a Arqueologia e os três últimos grupos, assim como os problemas que advêm ao longo de um trabalho onde grupos saídos de contextos muito distin-

* Artigo originalmente apresentado e discutido por ocasião da IV Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira **SBA**, realizada no período de 20 a 26 de setembro de 1987, em Santos - São Paulo.

tos têm que se relacionar. Trata-se portanto de um relato sobre situações cotidianas enfrentadas por um arqueólogo, as quais se procurou dar consistência através da sistematização e reflexão.

ABSTRACT: The archaeologist works specially with social structures from the past forgetting the present social relations.

This paper studies the problematic involving the archeologist in the field work beginning from contract archaeology studying the relationship among researchers group and the financial enterprise, the workers and local population.

It is considered the distance between archaeology and the groups mentioned specially based on the problems that come upon from the work where people involved are from distinct context. It is concerned to quotidian situations faced by the archaeologist where the authors try to give consistence through systematization and reflexion.

I. PENSANDO EM MUDANÇAS

Para a reconstituição de modos de vida de grupos humanos do passado, nós arqueólogos recorreremos aos vestígios de cultura material, recolhidos dentro do seu contexto ambiental, tomando-os como ponto de partida para nossas inferências. É, portanto, com intenção de resgate que o arqueólogo parte para realizar trabalho de campo, mas, embora procuremos o passado, a busca nos põe em contato com um presente permeado por pessoas e novas estruturas de assentamento humano nos locais outrora habitados pelas sociedades que agora estudamos. A realização do nosso trabalho implica necessariamente no estabelecimento de uma rede de relações com a população atual, visto mesmo que ela é de fundamental importância durante a coleta de dados. A observação, a compreensão dos costumes e o respeito à vida social dos habitantes da área estudada são aspectos importantes dessa etapa do trabalho arqueológico. Nossa aproximação e as relações estabelecidas com os moradores locais terão influência significativa no resultado da coleta de informações, que será permeada não apenas pelos princípios metodológicos adotados, mas também por dados de ordem subjetiva.

Nesse artigo faremos um relato sobre os distintos relacionamentos que como arqueólogos estabelecemos ao executar trabalho de campo, tomando como base para reflexão a nossa experiência com trabalho de salvamento na Amazônia. Tentaremos, assim esclarecer a influência que aspectos de ordem subjetiva e mesmo aqueles de ordem prática têm tido em nossas atividades. Para isso enfocaremos não apenas as ligações entre arqueólogo e população local, mas também o relacionamento entre os membros da equipe. Nesse caso analisaremos o que significa fazer pes-

quisa de campo na Amazônia, considerando as condições de trabalho existentes e estando inserido num mundo que guarda especificidades contrastantes com o mundo do qual somos originários.

Sendo a reflexão conduzida por uma experiência com salvamento arqueológico, duas outras ordens de relação sobressaem. A primeira com a empresa contratante do trabalho - responsável pela infra-estrutura da pesquisa - e a outra com a equipe de trabalhadores de apoio fornecida por essa empresa, e que nos acompanha durante o trabalho de campo.

Ao processarmos essa sistematização sobre as situações cotidianas enfrentadas pelos arqueólogos temos como objetivo chamar atenção para a necessidade dos arqueólogos refletirem sobre questões presentes que permeiam nosso trabalho. É importante que procuremos caminhos através dos quais a pesquisa se já conduzida com a maior seriedade e respeito, levando em conta os segmentos sociais que acabam sendo envolvidos no trabalho, a própria equipe de pesquisadores e também o retorno científico do trabalho.

II. AS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Nos projetos de lavantamento arqueológico no Brasil tornou-se rotina a presença de um novo personagem: grandes empresas responsáveis pela execução de projetos econômicos grandioso, como por exemplo exploração de minérios e construção de hidrelétricas. Estas empresas, por determinações legais¹,

¹ Cf. Legislação Brasileira Protetora das Jazidas Pré-Históricas, Lei nº 3.924 - de 26 de julho de 1961.

são obrigadas a contratar os serviços de cientistas a fim de que seja avaliado por eles o grau de impacto ambiental da obra, determinando a sua viabilidade ou não e, se viável, indicando caminhos a serem seguidos de forma a minorá-lo. No caso do arqueólogo a sua contratação se faz objetivando o levantamento de sítios arqueológicos e a realização de estudos sobre eles de forma a salvar informações que serão destruídas durante a execução da obra.

As dificuldades de uma equipe de arqueólogos junto a uma dessas empresas não são poucas. Distantes do universo das pesquisas humanas é muitas vezes difícil aos dirigentes compreenderem as nossas necessidades, se mostrando em alguns casos reticentes em satisfazer as exigências feitas pelos pesquisadores. Persiste, assim um problema de comunicação entre as partes, com cada qual fazendo uso de sua própria linguagem no diálogo que estabelecem. Além disso o prazo limite de nossa pesquisa assim como a escolha de áreas prioritárias para estudo se fazem de acordo com o cronograma da obra e as prioridades estabelecidas pela empresa. As alterações no cronograma criam uma série de embaraços, pois a mudança de prioridade significa para nós a quebra do ritmo de trabalho que estava sendo realizado. Nossas atividades mudam conforme o andamento da pesquisa, estando dividida em etapas que vão do estudo ambiental e escolha de abordagem metodológica apropriada, passando pela ida a campo para coleta de material arqueológico, trabalho de classificação e análise desse material em laboratório e, finalmente, interpretação dos dados obtidos. As alterações implicam em novos arranjos dentro da pesquisa, remetendo-nos praticamente ao começo do trabalho.

Podem surgir também problemas no fornecimento de infra-estrutura por parte da empresa. Ao reali-

zar pesquisa de campo temos enfrentado uma série de infortúnios pela demora no atendimento às nossas so licitações, o cumprimento das mesmas pela metade, ou simplesmente pelo seu não cumprimento.

A ligação de pesquisadores com empresas contra tantes, desse tipo, pode também exercer influência no âmbito das relações sociais que o arqueólogo estabelece ao realizar trabalho de campo. Ser identificado pela população da área como pessoas que mantêm algum vínculo com empresa que os irá desalojar - apesar do esforço em não acreditar no desalojamento - também não é um bom cartão de visita. A situação pode provocar um receio e traduzir-se em ausência de informações necessárias à pesquisa. Se os moradores locais vivenciaram problemas anteriores com a empresa ou alguns de seus integrantes, tan to pior, pois a desconfiança dificultará nossa atuação.

Quanto aos trabalhadores que nos auxiliam em campo ouvimos queixas frequentes sobre o tratamento dispensado pela empresa, especialmente quanto aos longos períodos de isolamento na mata em condições nem sempre adequadas. O suporte logístico é deficiente não só para com os pesquisadores, mas sobretudo para com os trabalhadores de apoio.

Fazer arqueologia contratual tem assim uma série de implicações, principalmente quando fatores externos como as prioridades e os prazos da obra terminam direcionando a pesquisa. Uma preocupação é contínua: como desenvolver uma pesquisa, nessas condições, sem perder de vista a questão acadêmica?

III. LOCAL DA OBRA? LOCAL DA PESQUISA!

A área de pesquisa é aquela a ser inundada

quando concluída a construção do Complexo Hidrelétrico de Altamira - Xingu, e compreende a maior parte do baixo rio Xingu e do seu principal afluente, o rio Iriri (também no curso baixo - até sua desembocadura no rio Xingu).

Os trabalhos desenvolvidos atualmente fazem parte da etapa de viabilidade da obra a ser concluída em fins de 1987, quando então relatórios de diferentes áreas de estudo deverão ser entregues para análise. Em tese, somente a partir daí se decidirá pelo início ou não da obra.

Nossa participação no trabalho de levantamento arqueológico está associada ao convênio firmado entre a empresa contratada pela Eletronorte para realizar estudos de viabilidade na área e o Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG. Firmado esse compromisso, o Museu Goeldi ficou responsável pela realização de estudos sobre a área a ser atingida em alguns campos de conhecimento, entre os quais Arqueologia. Iniciamos nossas atividades em julho de 1986, tendo realizado 3 etapas de campo nesse ano e mais duas no ano de 1987, com duração variando de 20 a 45 dias.

Dada a extensão da área pesquisada os consultores do projeto e a coordenação² propuseram como procedimento metodológico a divisão da mesma em unidades de amostragem para estudo. No estabelecimento dessas unidades utilizamos picadas transversais ao rio - algumas já abertas pela própria empresa tendo em vista outros estudos - estabelecendo dois semi-círculos com raio de 5 Km partindo do ponto em que

² Dr. Walter Neves e Dra. Solange Caldarelli (Consultores e arqueóloga Fernanda de Araújo Costa (Coordenadora).

a picada encontra o rio, numa e noutra margem. A área pesquisada é aquela existente no interior desses semi-círculos imaginários.

Durante as etapas de campo nos deslocamos para essas áreas, ficando alojados em acampamentos construídos às margens do rio. Instalados, iniciamos o trabalho de localização de sítios, quando então costumamos nos dividir em três equipes de modo a poder cobrir melhor a unidade amostral. O grupo de "interiorização" procura percorrer as trilhas existentes na mata, sejam elas de seringueiro, caçador ou simples caminhos que vão dar em alguma roça. A equipe de borda percorre as margens do rio principal, de igarapés quando acessíveis e de ilhas. Para em todos os trechos onde é possível descer para verificar o solo, como praias e zonas de moradia. Finalmente, um grupo fica responsável por percorrer o transect - picada transversal ao rio - saindo da margem e adentrando-o em 5 Km. Feito esse levantamento inicial parte-se para o trabalho em cada sítio, fazendo sua delimitação, coletando amostras da cultura material e tirando informações sobre o ambiente.

IV. AS RELAÇÕES SOCIAIS ESTABELECIDAS EM CAMPO

Nós e os trabalhadores

Em campo o arqueólogo lida com quatro grupos de pessoas diferentes: o primeiro é formado pela própria equipe de pesquisadores cujo convívio nessas situações se torna mais próximo e guarda certas especificidades; o segundo é constituído pelos moradores locais; o terceiro diz respeito aos responsáveis pela logística do projeto, ou seja, a empresa

financiadora, e finalmente o quarto é formado pelos trabalhadores de apoio fornecidos por essa empresa. Esse último grupo é aquele que nos auxilia diretamente no trabalho arqueológico e é, ainda, responsável pela montagem e manutenção do nosso alojamento em campo. Executam funções de barqueiro, mateiro, pessoal de apoio ao acampamento (chefe de acampamento, cozinheiro, ajudante de cozinha e enfermeiro) e auxiliares das tarefas de campo (trabalham junto conosco nos sítios arqueológicos).

No dia a dia lidamos mais diretamente com os auxiliares de campo e com os barqueiros. A participação desses trabalhadores em nossa pesquisa ultrapassa o cumprimento das suas funções, já que os mesmos funcionam também como intermediários entre nós e os moradores da área. Pela convivência muitas vezes já estabelecida com os moradores facilitam nosso acesso, diminuindo as suspeitas sobre a nossa presença e permitindo que sejamos melhor aceitos. Alguns desses trabalhadores têm, além disso, um conhecimento acentuado do ambiente e das formas de subsistência postas em prática pela população ribeirinha, sendo assim informantes em potencial para o trabalho arqueológico. Finalmente nos ajudam a lidar com o ambiente natural que nos cerca, ambiente ao qual não estamos habituados como seres saídos de um meio urbano com formas de vida e pontos de referência completamente distintos daqueles que nos cercam nessas ocasiões.

No que diz respeito ao nosso relacionamento com os barqueiros e os auxiliares de campo somos obrigados a dirigir suas atividades. Essa situação se torna difícil pois, embora não desejemos adotar uma prática autoritária e distante frente a eles, devemos estabelecer um relacionamento que não dê margem ao não cumprimento de tarefas. É preciso, então, encon-

trar um caminho que conduza ao diálogo e à cooperação entre as pessoas, mas é imprescindível saber quando ser enérgico.

Uma das dificuldades é o fato desses trabalhadores não serem selecionados por nós e nem serem os mesmos durante as diversas etapas de campo, obrigando-nos a cada vez repetir o cansativo ritual de explicar como devem conduzir as suas tarefas de modo a nos auxiliar. Temos tido gratas surpresas, encontrando pessoas conscientes de suas obrigações, interessadas, e que demonstram algumas vezes uma grande perspicácia frente ao trabalho arqueológico. Em contrapartida temos tido alguns problemas que talvez possam ser, em parte, associados ao fato do nosso trabalho fazer para eles pouco ou nenhum sentido. Isso poderia ser evitado se tivéssemos um quadro de trabalhadores selecionado e mais fixo e pudéssemos ir ao longo do tempo explicando-lhes melhor as razões da nossa pesquisa.

Um último aspecto que merece ainda ser ressaltado são as diferenças entre o mundo e os valores do arqueólogo e aqueles dos trabalhadores. Existe, por exemplo, uma divisão de papéis feminino/masculino que guarda algumas especificidades frente àquela incorporada pelos pesquisadores, da mesma forma que há entre os trabalhadores um código moral e uma determinada forma de encarar o relacionamento possível entre um homem e uma mulher que não têm entre si uma ligação de parentesco - situação normalmente vivenciada pelos pesquisadores. Assim, é preciso ter cuidado e mesmo exercer uma certa auto-vigilância em nossas atividades frente aos trabalhadores para que não se criem melindres e confusões.

Nós e a população

O contato com a população local da área onde

se realiza um levantamento arqueológico é parte integrante da pesquisa dado que ela detém informações que são básicas para o andamento do trabalho. O acesso aos sítios arqueológicos é muitas vezes feito através dessa população, que sabe e nos indica os locais de ocorrência dos "cacos de caboclo"³, muitas vezes coincidentes com a localização de moradias atuais - provavelmente pelo fato de algumas das variáveis que influem nessa opção permanecerem as mesmas. O material arqueológico é também mais facilmente localizável em áreas habitadas, em virtude da ação humana sobre o terreno fazer esse material aflorar à superfície.

Vivendo em ambiente semelhante àqueles com que populações já extintas tiveram que lidar, as estratégias de sobrevivência postas em prática por eles são dados importantes para se inserir as informações obtidas sobre a cultura material dos sítios dentro de um contexto ecológico.

Não raro nosso primeiro contato é permeado pela desconfiança - muitas vezes sutil - dos moradores da área, o que acreditamos dever-se ao fato da explicação que damos sobre os nossos objetivos não ser suficiente para que o nosso papel ali seja prontamente entendido e aceito. Somos vistos, conforme a problemática da região e a experiência pessoal dos moradores, como agentes da FUNAI, de empresas mineradoras, funcionários do Instituto Nacional Colonização e Reforma Agrária - INCRA, enfim, como elementos que de alguma forma vieram para alterar a ordem local em prejuízo da população.

³ Denominação que é dada aos vestígios cerâmicos de grupos indígenas por parte da população ribeirinha do Xingu.

Realmente, não faz muito sentido para eles que um grupo de pessoas se desloque da cidade para o mato em busca de vestígios materiais de grupos indígenas que se alguém notou antes foi porque atrapalhavam de alguma forma. Isso reflete em grande parte o distanciamento existente entre a Arqueologia e eles, que é acentuado pelo fato do objeto de estudo dessa ciência serem grupos humanos por quem eles nutrem preconceitos. Assim, primeiramente é difícil eles compreenderem que tipo de "saber" se pode alcançar partindo-se da coleta de vestígios cerâmicos e líticos que fazemos após concluir a "arrumação sem sentido" ⁴ de seus quintais. Segundo, seja qual for o conhecimento obtido é provável que questionem ainda o interesse que se pode ter em conhecer sobre o modo de vida de grupos indígenas.

A distância dos moradores frente a Arqueologia nos remete a questões bastante amplas relativas à organização da nossa sociedade, como a divisão existente entre trabalho intelectual e trabalho manual que gera a dificuldade de acesso de determinadas camadas da população ao conhecimento científico que é produzido nas instituições destinadas a esse fim. Essa distância deve-se ainda à esfera de inacessibilidade dentro da qual a Arqueologia Brasileira ainda se encontra.

Já o preconceito frente ao índio deve ser entendido a partir da proximidade física entre essas populações e os grupos indígenas e os conflitos daí resultantes. Morando em zonas de fronteira se cons-

⁴ Expressão utilizada por um dos moradores da área pesquisada com referência às atividades de delimitação de um sítio arqueológico localizado em área de sua propriedade.

tituem em concorrentes dos índios em território, sendo que muitos dos moradores mais antigos se estabeleceram na área quando a presença de grupos indígenas e a ocorrência de conflitos diretos era maior. Os relatos sobre confrontos sangrentos são facilmente obtidos junto aos moradores mais antigos e pode-se dizer que tanto um lado (colonos) quanto o outro (grupos indígenas) são vítimas da estrutura fundiária do país, que gera uma disputa entre despossuídos e grupos étnicos minoritários como forma de driblar as reais soluções dos problemas de terra.

O dado predominante no relacionamento que se estabelece entre nós e os moradores locais é a hospitalidade permeada pela formalidade, ou talvez fosse melhor dizer por uma distância respeitosa que é mantida por eles frente a nós. É provável que essa distância não esteja associada unicamente à desconfiança e que também deva ser levada em conta a intimidação que lhes transmitimos. Isso considerando o aparato que nos cerca (equipamentos, voadeiras, equipe de trabalhadores) e a nossa identificação com a grande empresa atuante na área, ou como detentores de um saber (e mesmo de um poder) que se coloca para além daquele a que eles têm acesso.

A própria composição da equipe revela a eles um mundo com normas diferentes das que estão acostumados. Trata-se de um grupo de pessoas de ambos os sexos vinculadas a uma instituição e que estão juntas por simples determinações do trabalho que desenvolvem. Essa é, entretanto, uma situação estranha para eles que normalmente buscam descobrir maiores vínculos entre nós. Assim, normalmente somos questionados sobre relações de parentesco entre membros do grupo e é comum as mulheres serem inicialmente identificadas como esposas dos pesquisadores da equipe numa tentativa de dar a elas uma função mais

de acordo com a normatividade de sua vida.

Diante desse quadro, permanece entre nós um certo cuidado no lidar com eles, por receio de quebrar normas sociais ou reforçar sua desconfiança. E muitas vezes a descoberta da maneira mais acertada de agir se faz exatamente após uma gafe.

O contato com a população não nos coloca unicamente frente a novas regras sociais, mas nos conduz também ao mundo de suas crenças, onde é grande a presença de seres lendários elaborados a partir de elementos extraídos da mata e do rio. Isso a nosso ver demonstra que a ligação com o ambiente que os cerca é íntima não apenas pelo fato deles saberem lidar com os recursos naturais existentes, para suprir sua sobrevivência física, como também pelo fato de haver uma ligação simbólica muito grande com a terra, sendo ela um referencial básico de suas vidas ⁵.

Costumamos recorrer aos habitantes da área pesquisada em duas circunstâncias: a primeira é quando pedimos informações sobre a localização de sítios arqueológicos e sobre o meio ambiente (caça, pesca, frutos, plantas medicinais), e a segunda é quando, havendo localizado um sítio arqueológico em suas propriedades, retornamos ao local para as tarefas de delimitação e coleta de material. Durante o desenvolvimento dessas atividades temos consciência que criamos a eles vários transtornos, podendo tomar de empréstimo a colocação de Seeger:

⁵ o mundo simbólico das populações ribeirinhas permeia as informações que buscamos junto a eles. Quando realizamos a entrevista sobre o meio ambiente as respostas algumas vezes ultrapassam o mundo natural e buscam explicações, exemplos ou pontos de referência - tanto para fenômenos naturais como para aqueles resultantes da ação humana - na esfera do simbólico.

"...toda pesquisa de campo é, até certo ponto, uma violação da sociedade que é estudada, pois os antropólogos, às vezes, têm de fazer perguntas difíceis e desagradáveis. Mesmo em termos da alocação de seu próprio tempo, um informante deve escolher entre responder a pergunta e fazer qualquer outra coisa.

Um pesquisador pode causar outras privações à comunidade, ao comer o alimento de suas roças, ao exigir cuidados por ignorar as convenções sociais e perigos naturais, ou ao insistir em obter respostas claras sobre assuntos em que a ambigüidade é preferível". (SEEGER, 1980: 25-26).

No caso do arqueólogo a sociedade violada não é aquela que é objeto central de sua pesquisa, pois desta só resta a cultura material, mas sim a que habita o local atualmente. Quando os vestígios arqueológicos se localizam em propriedades de moradores locais a situação piora pois, ao contrário do antropólogo, que geralmente trabalha sozinho, o arqueólogo devido a natureza de seu trabalho atua em grupo e assim invade a casa e a intimidade do habitante local. Além disso, como trabalhamos nas suas roças por maior que seja o cuidado sempre destruímos alguma coisa. Assim, embora a acolhida seja boa, a quebra da tranquilidade e da privacidade da família é percebida por respostas às vezes impacientes' e/ou evasivas, além dos comentários que são feitos pondo em dúvida os objetivos do nosso trabalho.

Essa coincidência de locais de assentamento na verdade implica em transtornos mútuos, pois a presença humana influi no estado de preservação do sítio. É importante para nós encontrar o material o

menos perturbado possível a fim de que possamos ver a relação que existe dentro de cada estrutura, entre as estruturas do sítio e, ainda, os vários sítios de uma dada área. Com a reocupação do local o material é muitas vezes remexido, amontoado e/ou jogado fora, dentro do desenvolvimento natural de atividades no local e também pelo fato dos moradores desconhecerem as possibilidades de uso do mesmo como objeto de estudo.

Diante de todo o quadro exposto nas linhas anteriores, podemos retomar de novo Seeger e como ele de perguntar "porque foram eles tão pacientes?" ou "o que representávamos para eles" (SEEGER, 1980:26) O que achamos é que, bem ou mal, nós representávamos uma novidade, trazendo uma prosa diferente para um universo que gira em torno de tão poucas pessoas, geralmente familiares. A observação de nossas conversas e atividades, sem dúvida se integram nos assuntos em pauta entre eles mesmo após a nossa partida.

Além disso, sempre levamos remédios e um enfermeiro como integrante da equipe, assim como somos meio de acesso a alguns bens de consumo. Para uma população que vive tão afastada, sem nenhuma assistência, além da que ela mesmo possa gerar, aparecemos um pouco como o "posto avançado" de uma sociedade de mais ampla a qual eles também pertencem.

Arqueólogos em campo

Que emoções perpassam uma equipe de arqueólogos que se desloca de um meio urbano para viver durante um mês num acampamento construído às margens de um rio da Amazônia? Como é o relacionamento entre pesquisadores que durante esse período irão partilhar um espaço comum, vivenciar conjuntamente momentos de

bom e mau humor e trabalhar em meio a temperamentos distintos? O que significa para essas pessoas estarem longe dos entretenimentos da vida urbana e próximos de uma natureza situada durante quase toda a sua vida apenas nos livros e nos filmes? Qual o significado que assume para os arqueólogos o encontro com o mundo ribeirinho e a visão de mundo da população local das áreas pesquisadas?

Trabalhando em equipe e valendo-se da infraestrutura citada, a nossa experiência de campo é diferente, por exemplo, da de um etnógrafo, já que não padecemos da solidão que ele é obrigado a vivenciar. Fazendo esse trabalho sozinho um antropólogo não tem com quem discutir suas descobertas e avanços na pesquisa, ou mesmo com quem conversar utilizando a linguagem de seu mundo e tendo a certeza de ser entendido, pelo fato do companheiro de conversa ser alguém desse mesmo universo.

Nossos problemas enquanto arqueólogos em campo são outros. Destacamos primeiramente a falta de privacidade em que temos de conviver, por força do local em que trabalhamos e do tipo de infraestrutura com que podemos contar. Acampados no meio do mato, dormindo uns ao lado dos outros, utilizando um único banheiro - quando existente -, servindo-se de um espaço comum para fazer as refeições e tendo muitas vezes uma área reduzida de locomoção dentro do acampamento, é praticamente impossível satisfazer qualquer desejo de estar sozinho enquanto durar a etapa.

Quando o trabalho está tendo o rendimento esperado - ou quase isso - é possível manter o senso de humor e a tensão em níveis razoáveis, assim como contornar dificuldades de relacionamento. Mas quando a situação é inversa, ou seja, quando as dificuldades surgidas ao longo do trabalho atrapalham significativamente o andamento do mesmo, e chegam em

alguns casos a tornar o seu resultado praticamente nulo, a situação, então, assume outro aspecto. Nessas ocasiões o arqueólogo se vê assaltado pelo tédio, por absoluta falta de ter o que fazer e pela tensão, já que é bastante aflitivo ver o tempo passar e perceber que não se conseguiu alcançar grandes resultados com o trabalho. Essa tensão alimenta o surgimento de conflitos - explícitos ou latentes - entre membros da equipe a partir de diferenças de temperamento e de pontos de vista distintos sobre como lidar com os problemas. Um outro elemento complicador é o fato de que esses problemas muitas vezes não são internos à equipe, mas dizem respeito a medidas que deveriam ter sido tomadas pela empresa contratante - e não o foram - e dos quais dependemos para dar andamento as nossas atividades.

Essa situação de tensão assume um caráter mais difícil se levarmos em conta o isolamento a que estamos submetidos. E aqui vale retomar e que dissemos inicialmente a respeito das diferenças de experiência de campo entre o arqueólogo e o antropólogo e esclarecer um outro aspecto. O antropólogo ao realizar esse tipo de trabalho, como nos refere Da Matta (DA MATTA, 1978), se vê diante de uma situação de isolamento que irá permitir a ele o encontro com o outro e o estranhamento, dando início assim ao trabalho de etnografia do grupo humano que estuda. No caso do arqueólogo, embora a sua aproximação com as comunidades atuais se faça em grupo e de olho no passado, esse isolamento de seu mundo também está presente em sua experiência de campo. Isso porque embora esse pesquisador trabalhe em meio a um grupo de pessoas do seu mundo, essas pessoas se vêem - ainda que conjuntamente - afastadas dele e colocadas dentro de um outro onde os referenciais e

valores são distintos daqueles do seu lugar de origem. Tal fato pode ficar de certa forma escamoteado quando predomina um bom nível de relacionamento entre os membros da equipe fazendo com que os pesquisadores se voltem para dentro do grupo. Mas quando surgem dificuldades crescentes no trabalho e problemas de relacionamento tornam o convívio difícil, essa situação de isolamento mostra-se mais clara. É quando tentando-se escapar aos conflitos - ou mesmo ter um momento de descanso frente a eles; uma tomada de fôlego - busca-se o retorno ao nosso mundo. Gostaríamos de ir esfriar a cabeça assistindo a um filme, conversar com um amigo querido que já não vemos há algumas semanas, gozar de uma atmosfera familiar mesmo que por instantes. Desejaríamos, enfim, ter de volta o mundo que deixamos para trás. E então nos sentimos sós.

Assim, embora o trabalho de campo do arqueólogo guarde suas especificidades, existem pontos em comum entre o caminho que é trilhado por ele e pelo antropólogo. Tomando de empréstimo palavras de Roberto da Matta podemos dizer que tanto num como noutra o sentimento e a emoção se fazem presentes, e que esses dados de ordem subjetiva influenciam significativamente os resultados da pesquisa.

V. EM BUSCA DE ALTERNATIVAS

Na elaboração desse artigo tivemos a preocupação de reunir dados do cotidiano do trabalho do arqueólogo, a fim de elucidar questões referentes ao relacionamento social deste em campo. Tais fatos, que a princípio podem parecer de conhecimento óbvio para um pesquisador com experiência nesse tipo de relacionamento, são cruciais para uma avaliação do

trabalho do arqueólogo, sendo entretanto, muitas vezes negligenciados.

No relato das páginas anteriores ficou claro o distanciamento existente entre a Arqueologia e grupos de pessoas que acabam sendo envolvidos nesse trabalho, sejam eles trabalhadores de apoio, população local ou a empresa contratante no caso de se tratar de um trabalho de salvamento. A não reflexão sobre esse assunto e também sobre aspectos relativos às relações sociais que envolvem o trabalho do arqueólogo implica na manutenção de uma realidade desfavorável ao avanço do próprio conhecimento científico. Isso porque tais questões não podem ser separadas da pesquisa, interferindo nela diretamente.

Um elemento complicador dessa situação é o fato da efetivação do trabalho de campo implicar em transtornos para os moradores locais. O arqueólogo na realização de suas pesquisas em campo se utiliza na maioria das vezes da destruição - do sítio - para a construção - obtenção de dados relevantes que permitam a compreensão do sistema sócio-cultural que gerou os vestígios arqueológicos por nós encontrados. Essa destruição, que cuidadosamente feita por arqueólogos, através de um registro bem detalhado e explicativo, permite a reconstrução em laboratório dos sítios arqueológicos pesquisados, não se limita apenas ao sítio em si. Penetra, ainda, no campo de interesse de um outro indivíduo, o morador da área pesquisada, uma vez que o local em si é perturbado em função do levantamento arqueológico - tanto em termos físicos quanto em termos da quebra da normatividade de sua vida.

A quebra da esfera de inacessibilidade da Arqueologia se constitui num passo importante a ser dado para a modificação do quadro atual. O conhecimento da sua prática e dos seus objetivos a torna-

ria menos um elemento estranho - frente ao qual se mantém desconfiança ou desinteresse - e mais uma investigação compreensível e portanto melhor aceita. Daí a importância de se prever na elaboração de um projeto de pesquisa um trabalho de base junto à comunidade, visando informá-la adequadamente sobre o significado do trabalho do arqueólogo.

Na verdade esse trabalho de base não deveria se restringir somente à comunidade que é diretamente atingida durante os trabalhos de campo, mas alcançar também um público mais amplo. Até porque, este último geralmente só obtém como retorno de seus "investimentos" (parte das verbas públicas que é canalizada para a área científica) publicações de cientistas relatando os dados obtidos em suas últimas pesquisas, os quais dificilmente o alcançam.

A Arqueologia brasileira é assim um campo pouco conhecido pela comunidade que a circunda, não fazendo parte da realidade de um cidadão comum. Os meios de comunicação pouco divulgam a profissão, que quando aparece nos noticiários ganha ares de algo distante ou sensacionalista. Talvez os próprios arqueólogos contribuam para isso passando a idéia da Arqueologia como um campo pouco acessível, somente aberto aos iniciados. Na escola crianças e adolescentes comentam "o que vão ser" partindo do que lhes é familiar: medicina, engenharia, magistério, advocacia, etc. Dificilmente se conseguiria ouvir um que desejasse ser arqueólogo - a não ser que isso correspondesse à fantasia de se parecer com o que ele viu num filme de aventuras.

Por seu lado, o pesquisador normalmente não dispõe muito do seu tempo satisfazendo a curiosidade de leigos para não "perder" tempo útil de pesquisa. Com isso acaba contribuindo para manter uma situação em que dados e informações valiosas para a efe-

tivação de seu estudo são destruídos. Uma pessoa bem informada a respeito desse trabalho pode prestar auxílio ao arqueólogo, ou no mínimo deixar de destruir sítios arqueológicos, o que normalmente ocorre por desconhecer a importância destes. E isso já significaria uma boa contribuição, tendo em vista que a perturbação de sítios arqueológicos por pessoas desinformadas é uma constante.

Se o interesse do arqueólogo frente aos vestígios materiais é esclarecido apenas durante a realização da pesquisa de campo - e de forma apressada e superficial - não só não resolve o problema como gera outros. As pessoas podem então retirar os vestígios de seu lugar de origem para levá-los até o arqueólogo, não sabendo que essa retirada é prejudicial pois impede que se obtenha a informação contextual do objeto. Essa retirada pode ser feita unicamente com o intuito de auxiliar o arqueólogo, ou então, pode existir malícia por trás desse ato. Isso acontece no caso dela ser feita a fim de vender os vestígios aos pesquisadores - que satisfazendo o vendedor propiciam a continuidade do ato.

Fica evidente a necessidade urgente de uma melhor explanação sobre a problemática e interesses reais da pesquisa. Um trabalho dessa ordem ajudaria numa aproximação entre a comunidade científica e o público em geral, possibilitando a esse último o conhecimento adequado sobre a pesquisa em andamento e dando-lhe a chance de participação junto a um trabalho que deveria ser na verdade de interesse de todos.

A aproximação a ser feita entre a Arqueologia e a comunidade não passa, entretanto, somente pela divulgação de seu trabalho. Ela implica também uma atenção para com as relações que são estabelecidas

pelos arqueólogos ao desenvolverem sua pesquisa, de modo que permeando as mesmas esteja sempre presente a noção de respeito. Quando esse pesquisador parte, portanto, para trabalhar numa determinada área ele deve conhecer não apenas as especificidades geográficas, ecológicas e geológicas da área estudada, mas deve também estar atento às regras sociais aí existentes e ao modo de vida da população local.

Ainda: no caso específico de uma pesquisa de salvamento, a relação com a empresa e os parâmetros dentro dos quais o trabalho é desenvolvido devem ser continuamente avaliados, procurando-se garantir espaços para que a pesquisa seja feita sem perder de vista o lado acadêmico.

Para concluir, queremos esclarecer que com esse trabalho pretendemos levantar pontos para uma discussão a consequente avaliação do trabalho do arqueólogo - principalmente no que diz respeito ao seu contato com populações atuais - indicando uma nova postura. A preocupação com o aspecto social deveria, na verdade estar presente em qualquer projeto de trabalho, especialmente nos grandes projetos desenvolvidos atualmente no Brasil, onde questões de várias ordens se colocam. Esperamos que esse artigo contribua de alguma forma para estimular a elaboração, entre os arqueólogos de projetos mais cuidadosos, onde a preocupação com o social se faça presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter "Anthropological Blues". In: E.D. Nunes. A aventura sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 23-35.

SEEGER, Anthony. Pesquisa de campo: uma criança no mundo. In Os INDIOS e nós: Estudo sobre as sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1980. p. 25-40.

PARTIDOS POLÍTICOS NO PARÁ

Uma revisão bibliográfica

Alex B. Fiúza de **MELLO**

Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sócio-Políticas da **UFPA**. Mestre em Ciência Política

RESUMO: Levantamento e revisão crítica de trabalhos multigráficos e/ou publicados em livros e revistas especializadas a respeito da realidade partidária paraense. Revisando o material disponível e referências de autores inclusive nacionais, procura delimitar contribuições e lacunas, sistematizando informações, em vista de futuras pesquisas que busquem aprofundar este tema central, para uma ciência política preocupada com as questões concretas da região.

ABSTRACT: Reasing and critique revision of works published in books and specialized magazines about the paraense partisan reality. Reviewing the writings disposable and mentions of other brazilians authors, this essay looks for a delimitation of contributions and limitations, ordering informations, considering future researches that try to deepen this central subject, for a political science worried with real questions of the region.